



Este livro talvez não exista. Ou melhor: sua inexistência é o que, provavelmente, o justifica enquanto livro. Foi escrito por uma bióloga que não é bióloga, mas finge ser uma, na medida do impossível. Já os seres vivos nele incluídos — todos classificados segundo certas peculiaridades de seus nomes comuns — têm uma realidade irrefutável: seja pela ciência, pela literatura ou por nenhuma das duas.

*Para Zenóbia,
minha zoóloga/botânica de estimação*

I. MARIAS

Maria-barulhenta

Maria-boba

Maria-cabeçuda

Maria-cavaleira

Maria-da-toca

Maria-dormideira

Maria-faceira

Maria-farinha

Maria-fedida

Maria-gorda

Maria-leque

Maria-luísa

Maria-mole

Maria-peidorreira

Maria-rosa

Maria-seca

Maria-sem-vergonha

Maria-vai-com-as-outras

II. JOÕES

João-baiano
João-bobo
João-cachaça
João-correia
João-de-barba-grisalha
João-de-barro
João-de-leite
João-de-pau
João-dias
João-doidão
João-galo
João-grande
João-grilo
João-mole
João-pobre
João-torresmo

III. VIÚVAS E VIUVINHAS

Maria-viuvinha
Saíra-viúva
Viuvinha-alegre
Viuvinha do amor-agarradinho
Viuvinha-borboleta
Viuvinha-de-máscara

Viuvinha-de-óculos
Viúva-da-saia-preta
Viuvinha-do-brejo
Viuvinha-humana
Viúva-marreca
Viúva-negra
Viúva-rabilonga
Viuvinha-regateira
Viuvinha-soldadinho
Viuvinha-volúvel

IV. HÍBRIDOS

Arbusto-borboleta
Bagre-sapo
Besouro-rinoceronte
Bromélia-zebra
Cágado-tigre-d'água
Cavalo-marinho
Cobra-papagaio
Flor-leopardo
Formiga-leão
Gazela-girafa
Grilo-toupeira
Lagarta-dama-do-mato

Mico-leão
Morcego beija-flor
Orquídea-macaco
Peixe-banana
Peixe-boi-da-amazônia
Peixe-borboleta
Peixe-cachorro
Peixe-joaninha
Peixe-leão
Perereca-cabrinha
Rato-toupeira-pelado
Socó-jararaca
Tartaruga-jacaré
Trepadeira-elefante

ET CETERA

AUTOR

CRÉDITOS

I.
MARIAS

MARIA-BARULHENTA

(Euscarthmus meloryphus)

É uma ave que pula alto e dança sobre as árvores. Sua cor é de um marrom quase laranja, com partes claras. Tem bico fino, bochechas castanhas e cauda levemente arredondada. Os olhos de canela, envolvidos num leve amarelo, enxergam o que não vemos durante o outono. Alimenta-se de insetos que captura nas folhagens ao rés do solo. Seus ninhos são frágeis e quase caem quando venta muito. Põe sempre dois ovos esbranquiçados, com pequenos pontos lilases. Seu canto obsessivo soa como um ruído e se torna um aviso aos que prestam atenção nos sentidos que traz implícitos. Ela faz do corpo o seu próprio jogo, entregando-se inteira ao ritmo dos sons do entorno.



MARIA-BOBA

(*Mechanitis lysimnia*)

Quem conhece essa borboleta colorida com listras de tigre, da família *Nymphalidae*, não imagina a lagarta esbranquiçada e espinhenta que ela foi um dia. Se a chamam de boba, é apenas porque seu voo é desavisado e lento. Há quem, inclusive, a considere ingênua. No entanto, como se sabe, as aparências por vezes enganam. Essa maria, na realidade, não tem nada de tonta. Apenas assume um jeito zen de lidar com as coisas. Além do mais, possui uma esperteza intrínseca. Como os entomologistas explicam, por assimilar substâncias tóxicas de certos alimentos, ela se torna nociva na fase adulta e pune, com seu veneno, quem a captura. As aranhas sabem disso e dela se esquivam. Entre suas peculiaridades, também se destaca a beleza de sua pupa.



MARIA-CABEÇUDA

(Ramphotricon megacephalum)

Possui um bico em forma de triângulo e canta um ríu... ruu macio, em intervalos de dois segundos, atenta aos sons graves e agudos. Seu corpo é verde-oliva e os olhos são escuros, com sobrancelhas amarelas, em curvas. Discreta como todas as aves de sua espécie, gosta de se recolher entre os bambus das florestas úmidas e costuma fazer seus ninhos em cavidades de troncos de cor escura. Às vezes, segue bandos mistos de aves, mas só até certo ponto. E aí, com a cabeça erguida, volta para seu canto, sem medo de se isolar nas sombras.



MARIA-CAVALEIRA

(*Myiarchus ferox*)

Ela só canta alto nas sextas-feiras. Em geral, seu som é um chamado ligeiro. De bico negro, tem cauda longa e dorso preto, garganta cinza e algumas claridades nas asas quando voa. Não esconde seu gosto pelos espaços abertos do cerrado, onde se sente em casa. Seu topete se eriça de vez em quando, sobretudo quando fica brava. Captura moscas com vontade e não sem ferocidade. Seu canto, dizem, é um brííí delicado, e poucas pessoas conseguem identificá-lo. Apenas as crianças — e quando muito pequenas — entendem o que essa maria fala.



MARIA-DA-TOCA

(*Parablennius pilicornis*)

É um peixe que costuma se esconder com seus pares nas tocas de pedras que ficam perto d'água. Ela atende também pelos nomes “maiuíra”, “amoreia”, “cutunda” e “peixe-flor”. Seu corpo alongado muda de cor conforme o ambiente ou o estado de espírito: as fêmeas chegam ao amarelo vivo, e os machos, a um lilás fechado. A boca, um tanto incomum, tem maxilares com dentes pontiagudos. E as nadadeiras são cobertas de espinhos. Há pouco tempo, li a notícia de que uma dessas marias, por falta de tocas, fez de uma garrafa PET a sua morada, nas águas sujas de um rio.



MARIA-DORMIDEIRA

(*Mimosa pudica*)

É uma planta sensível que recolhe suas folhas em resposta a alguns estímulos. Como seu nome científico diz, é mimosa e pudica, preferindo dormir com a porta fechada para evitar as investidas de mãos atrevidas. Defende-se, assim, também dos grilos e de outros insetos herbívoros. Por isso, “maria-fecha-a-porta” é o seu apelido. Por outro lado, é bastante invasiva e se espalha com força em terrenos baldios. Todos acham que ela dorme muito, mas, na verdade, seu sono é fingido. Um dado curioso é que, para ter sonhos eróticos vívidos, muitas mulheres põem um ramo dessa maria sob o travesseiro, em noites de lua cheia.



MARIA-FACEIRA

(Syrigma sibilatrix)

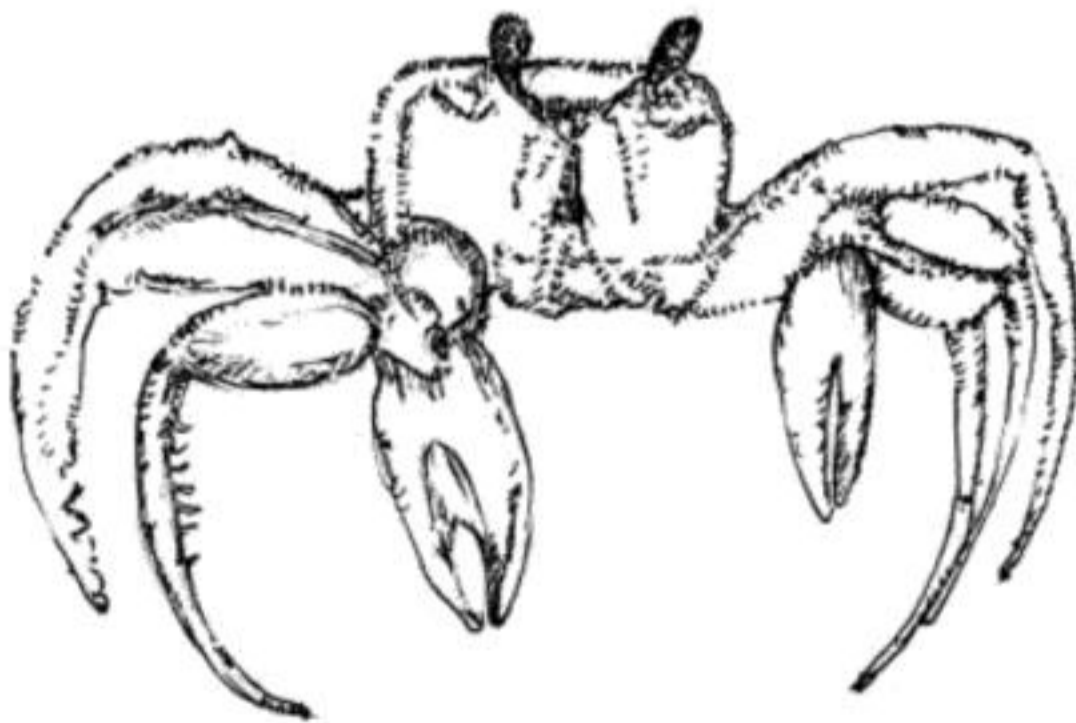
É uma garça que assobia. Tem a face azulada, o bico rosa com mancha roxa na ponta, uma plumagem amarela na garganta, a crista e o dorso em cinza-claro. Passa a maior parte do tempo no solo, mas quando voa, estica o pescoço com uma elegância que parece ousada. Aprecia tanto as regiões alagadas como as de pouca umidade. Alimenta-se de insetos e anfíbios, constrói ninhos com pequenos galhos de arbustos e bate as asas com pressa, porém sem ganhar altura. Costuma viver solitária; no entanto, quando se casa, não larga seu par por nada. Dizem que tem um andar engraçado e sibila com um som de maria-fumaça.



MARIA-FARINHA

(*Ocypode quadrata*)

Ela também se chama “caranguejo-fantasma”. Sua cor pálida se confunde com a da areia da praia e, por isso, tem o dom da camuflagem. De carapaça quadrada, mora em buracos acima da linha da maré alta e transita com desembaraço entre espaços terrestres e aquáticos. Solta estalos das garras e ruídos das patas, e fica furiosa quando se sente ameaçada. Seu maior pavor é ser jogada viva em água fervente, como fazem os humanos quando querem devorá-la. Até pesadelos ela tem, às vezes, ao pensar nessa maldade.



MARIA-FEDIDA

(*Nezara viridula*)

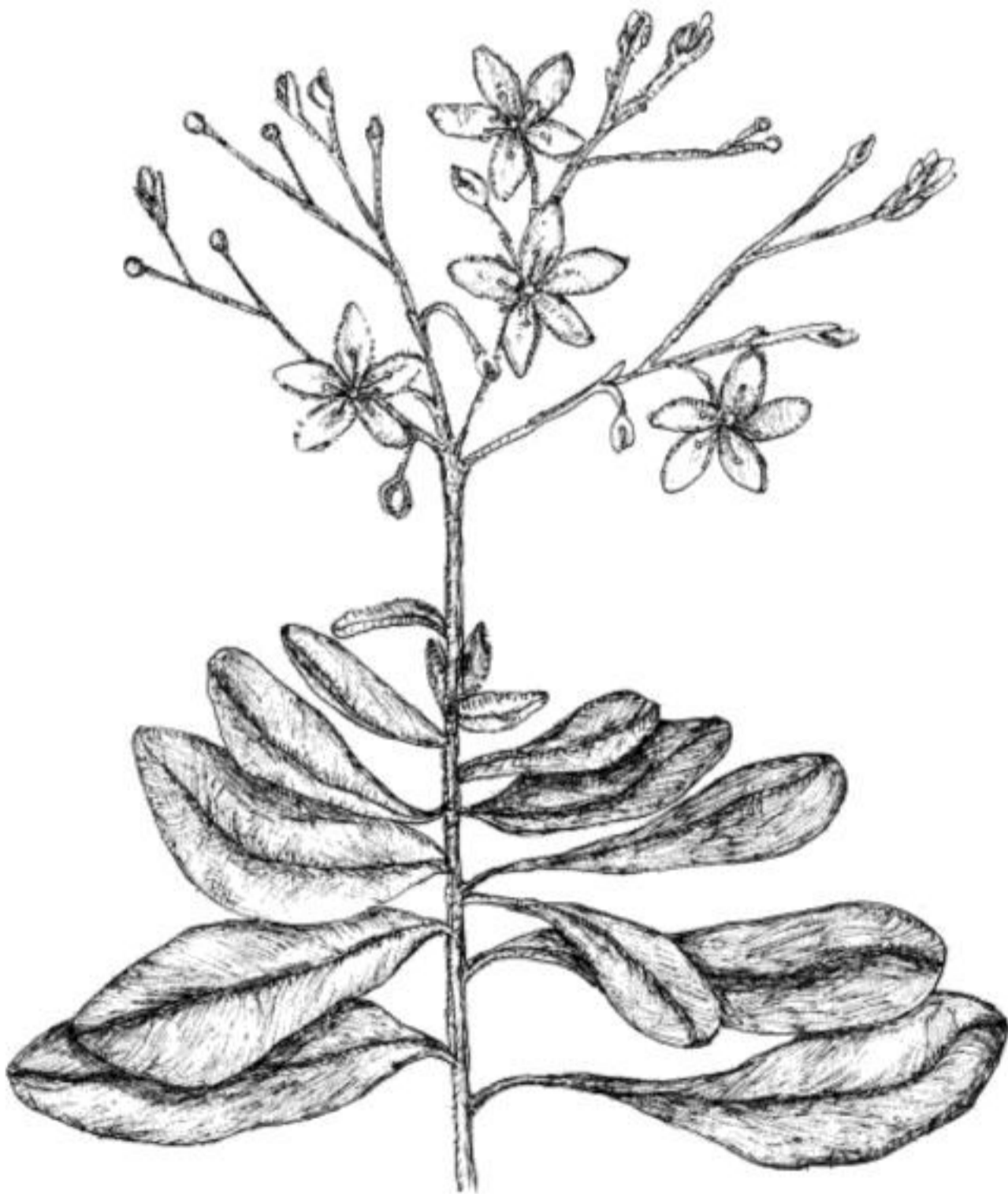
É um percevejo verde, de olhos vermelhos, que exala um odor um tanto fétido quando sofre ameaças. Como uma arma contra os rigores do mundo, esse fedor, para ela, é quase sagrado. Graças a ele, defende-se dos bicos dos pássaros que tentam capturá-la. Por outro lado, sente pavor do cheiro de alho. E, nesse aspecto, compartilha com os vampiros o seu ponto fraco. Considerada uma praga, ela se deleita com a seiva do pé de soja. Em seus passeios pela mata, costuma encontrar insetos que lhe perguntam, meio desconfiados: “Fedes?”. Ao que ela responde, de forma robusta, porém acanhada: “Fedo” — não sem dar também um risinho singelo e sem graça.



MARIA-GORDA

(*Talinum paniculatum*)

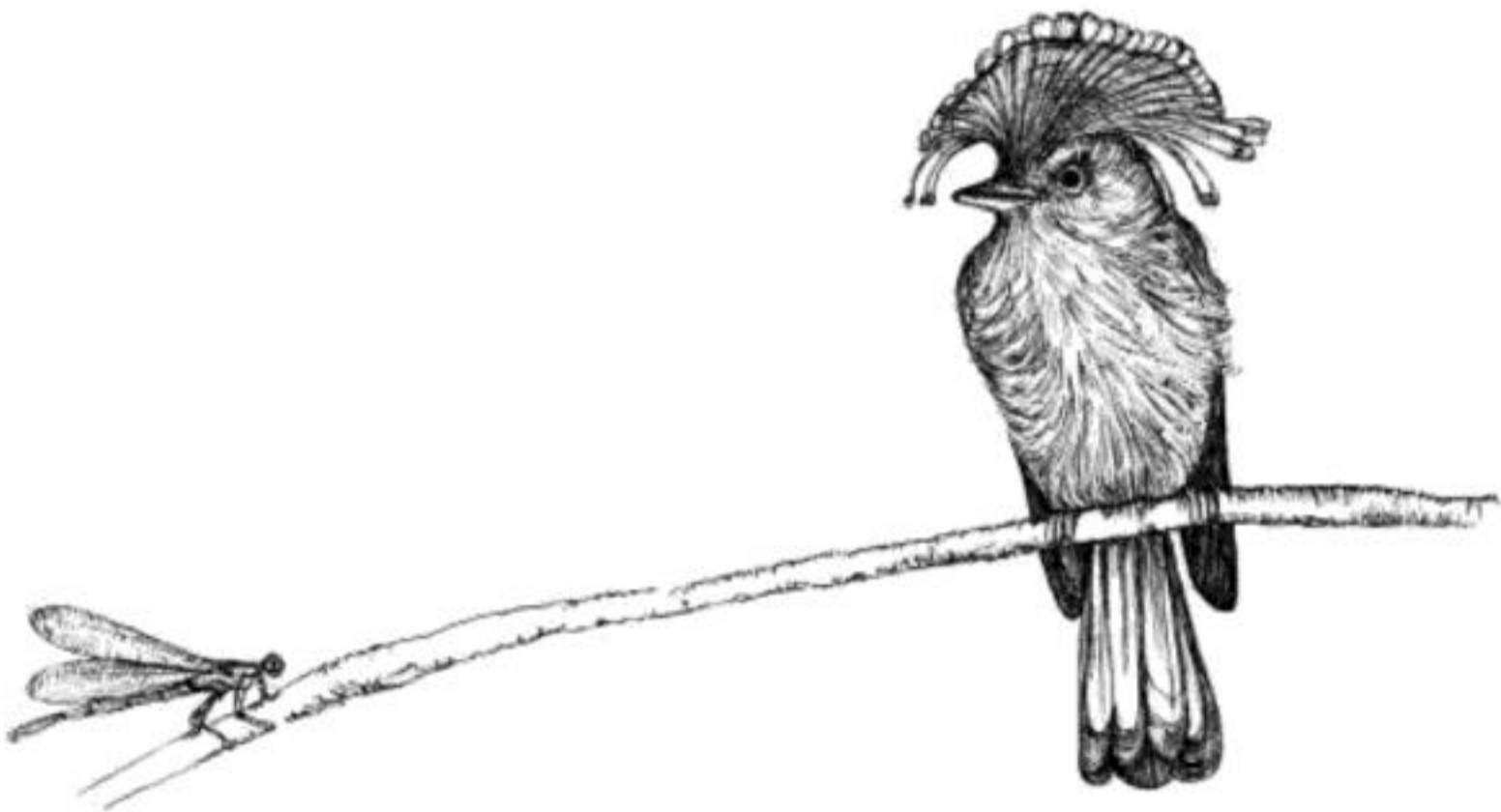
Ela também se chama “maria-gomes” e “língua-de-vaca”. De cor rosada, costuma ser nefasta para outras plantas, e é meio parente dos cactos. Tem uma autonomia invejável, não depende dos humanos para nada. Cresce em lugares diferentes, como rochas, barrancos, pastagens e pomares. De tão gordas e suculentas, suas folhas parecem ser feitas de carne. Já as flores são graciosas e delicadas. Essa maria não se importa quando dizem que está obesa, pois sabe que sua beleza é farta.



MARIA-LEQUE

(*Onychorhynchus swainsoni*)

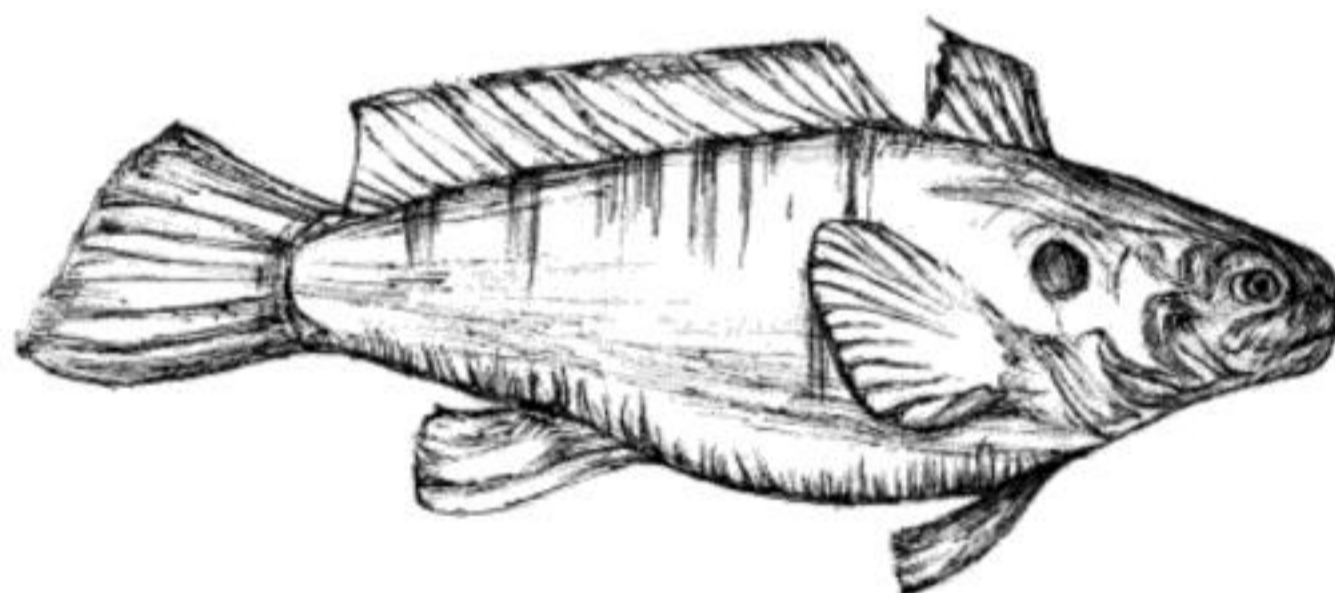
É uma ave com pinça no bico e crista em forma de leque aberto. Vive na região sudeste, onde persegue vespas, libélulas e borboletas com uma avidez precisa, enlaçando-as com as cerdas que possui em torno do bico. Seu corpo varia do laranja ao marrom-fosco, com detalhes escuros no dorso. Quase não tem pescoço, e seu penacho vermelho exibe uma faixa azul nas pontas. Inconfundível é o seu ninho, que, como uma bolsa semifechada, fica dependurado em galhos sobre córregos e riachos, no interior das matas. De tanto observar as coisas, aprendeu que a névoa nem sempre é da paisagem.



MARIA-LUÍSA

(*Paralonchurus brasiliensis*)

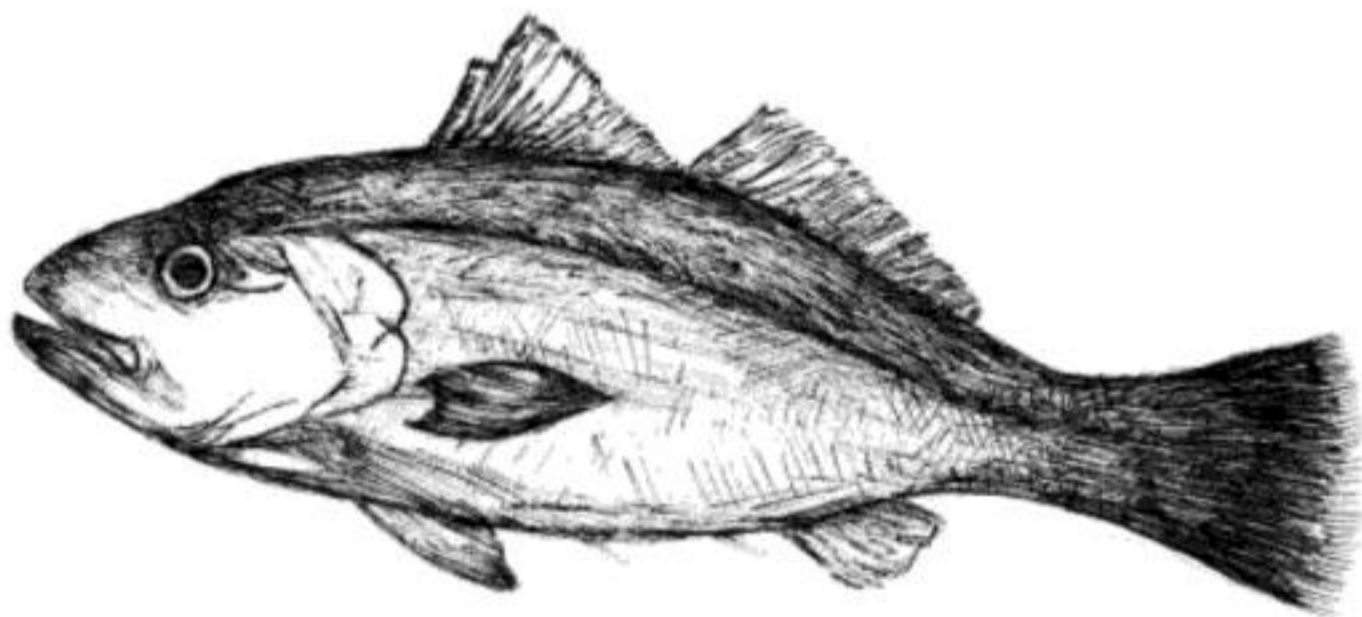
É um peixe teleósteo da família dos cianídeos, e possui um nome que se confunde com o de muitas humanas que também vivem na zona litorânea. Gosta das profundezas, aprecia crustáceos e moluscos, mas está sempre em desassossego por saber que a qualquer momento pode ser capturada e comida pelos homens, como já aconteceu com muitas de suas amigas, também marias. Só de pensar nisso, seu coração fica encolhido. Há poucos dias, li no jornal que uma foi encontrada, em apuros, entalada numa argola de plástico, em certa praia do litoral paulista.



MARIA-MOLE

(*Cynoscion striatus*)

É uma pescada olhuda e roliça, em forma de banana. Sua boca grande é cheia de dentes afiados, que lembram os de um cachorro a rosnar. Dependendo do ângulo de que é vista, essa maria mostra um olharzinho meio cínico, porém inofensivo. Acredita-se que ela tem muito talento para lidar com as coisas intrínsecas. Vive em cardumes nos poços e em regiões profundas, e às vezes é confundida com a corvina. Suas principais vítimas são os crustáceos, em especial os camarões pequenos e distraídos, que não imaginam que correm perigo.



MARIA-PEIDORREIRA

(*Posoqueria latifolia*)

Dá flores brancas e cheirosas que seduzem os beija-flores nos dias de outubro. Seu fruto é uma baga em tom amarelo-alaranjado que surge, quase sempre, no mês de julho. É conhecida também como “flor-de-mico”, “papa-terra” e “laranja-de-macaco”. Mas nem por isso deixou de receber um nome lírico e algo antiquado: “açucena-do-mato”. Os botânicos ensinam que ela possui “folhas simples, inteiras, opostas, cruzadas, glabras e cartáceas, com ápice acuminado”. Um dado curioso é que sempre se comporta como se estivesse sendo observada. Mas se ela solta gases, ninguém sabe.

